

“RIR É O PRÓPRIO DO HOMEM”

Carlos Arthur R. do NASCIMENTO¹

- RESUMO: Este pequeno texto tenta investigar as origens do conhecido exemplo “o riso é o próprio do homem”. Conclui-se que, se não a origem, a difusão do exemplo encontra-se na *Isagoge* de Porfírio.
- PALAVRAS-CHAVE: Riso; o próprio; predicáveis; lógica; Porfírio.

A crônica *Gargantua* de François Rabelais começa com um pequeno poema de dez versos dirigido *aos leitores*:

*Amis lecteurs, qui ce livre lisez,
Despouillez vous de toute affection,
Et, le lisant, ne vous scandalisez:
Il ne contient mal ne infection.
Vray est qu'icy peu de perfection
Vous apprendrez, si non en cas de rire;
Aultre argument ne peut mon cueur elire,
Voyant le dueil qui vous mine et consomme;
Mieux est de ris que de larmes escripre,
Pour ce que rire est le propre de l'homme.*

Na tradução de Aristides Lobo, tem-se:

Caros leitores, que este livro vedes,
Libertai-vos de toda prevenção;
E não vos melindreis, ó vós que o ledes,

1 Departamento de Filosofia – Instituto de Filosofia Letras e Ciências Humanas – 13081-970 – Unicamp – Campinas – SP – Brasil.

Que nenhum mal contém, nem perversão.
É verdade que pouca perfeição,
Salvo no riso, aqui podeis obter:
Outra coisa não posso oferecer,
Ao ver as aflições que os consomem;
Antes risos que prantos descrever,
Sendo certo que rir é próprio do homem
(Rabelais, 1986, p.39).

Mesmo sem pretender discutir os detalhes dessa tradução, nota-se a omissão do artigo definido antes de “próprio” no último verso. No francês tem-se “rire est le prope de l’homme” e no português, “rir é próprio do homem”. Talvez seja procurar pêlo em ovo ou chifre em cabeça de cavalo, mas o tradutor, quem sabe, perdeu uma nuance do original. Essa nuance é possível que nos escape também. Dedicuemo-nos, então, à ingrata tarefa de explicar uma piada.

Quando Rabelais diz que “rir é o próprio do homem”, está aludindo a uma conhecida teoria lógica e a um exemplo milenar. No Quinhentos, qualquer aluno de lógica elementar sabia que o “próprio” era um dos cinco predicáveis, isto é, uma das cinco classes de predicáveis: o gênero, a espécie, a diferença, o próprio e o acidente. A origem dessa classificação encontra-se em Aristóteles, *Tópicos*, Livro 1, caps. 5-6; ver também *Tópicos*, Livro 5, cap.1 e seguintes. Aristóteles caracteriza o próprio da seguinte maneira:

O próprio é o que, sem exprimir a essência do sujeito, só a este pertence, de maneira que é com ele convertível; por exemplo, é próprio do homem a capacidade de aprender gramática, porque, se A é homem, é capaz de aprender gramática, e se é capaz de aprender gramática, é homem. (*Tópicos*, I, 102a)

O neoplatônico Porfírio (233-304) (1965) retomou e sistematizou as indicações de Aristóteles no pequeno livro *Introdução às Categorias de Aristóteles (Eisagogè èis tàs kategorias)* ou, como ficou conhecido no Ocidente latino, simplesmente *Isagoge*. Este opúsculo mereceu vários comentários em grego (da parte de Amônio, Elias, Davi) e foi traduzido para o latim por Mário Vitorino (?-380) e Boécio (470-525), que também o comentou.

A *Isagoge*, mais duas obras de Aristóteles (as *Categorias* e o tratado *Sobre a interpretação*), além de algumas compilações de Boécio, vieram a constituir o que ficou conhecido, a partir do fim do século XII, como a “lógica velha”. Este conjunto de obras continuou em uso nas universidades a partir do século XIII. Constituiu a base do estudo da lógica ou dialética que, junto com a gramática e a retórica, formava o trívio, isto é, o conjunto dos estudos da linguagem ou as “artes sermocinales”.

Pois bem, o capítulo 4 da *Isagoge* é dedicado ao estudo do próprio. Porfírio distingue quatro sentidos do próprio. O primeiro designa o predicado que convém a uma única espécie, mas não a toda ela; por exemplo, para o homem exercer a medicina ou conhecer geometria. O segundo indica o predicado que cabe a toda a espécie, embora não seja exclusivo dela; por exemplo, ser bípede para o homem. O terceiro é o predicado que convém a uma única espécie, a toda ela, mas não sempre; o exemplo dado por Porfírio é o encanecer na velhice em relação ao homem. Citemos literalmente o que Porfírio diz do próprio em quarto sentido:

Em quarto lugar, é o concurso de todas essas condições ao mesmo tempo: ser de uma só espécie, de toda, e sempre, como, para o homem, a faculdade de rir. Com efeito, mesmo que ele não ria sempre, do homem, ao menos se diz que é capaz de rir, não porque ri sempre, mas porque pode fazê-lo naturalmente; é uma qualidade que faz sempre parte de sua natureza, como para o cavalo a faculdade de relinchar. Estas últimas qualidades são com justiça chamadas próprias, porque elas se reciprocam também com o sujeito: se há cavalo, há a faculdade de relinchar, e se há faculdade de relinchar, há cavalo. (*Isagoge*, 4, 16-23)

Eis aí, senão a origem, pelo menos a causa da difusão do famoso exemplo que se tornou um lugar-comum, embora nem sempre seja homérico, apesar do *Dicionário das idéias feitas* de Flaubert (1974).

Como vimos, o exemplo de próprio para Aristóteles nos *Tópicos* é a capacidade de aprender gramática. Enfoca ele o riso no tratado sobre as “Partes dos Animais” (Livro 3, cap.10, 673a, 5-10) ao deter-se no diafragma. Eis a passagem em questão: “Que apenas os entes humanos são suscetíveis às cócegas é devido à finura de sua pele e ao fato de que os entes humanos sejam os únicos animais que riem” (*Partes dos animais*, III, 673a, 9).

Depois de Aristóteles e antes de Porfírio, outros mencionaram a capacidade de rir como exclusiva do homem. Podem ser citados Quintiliano (c. 30-c. 100), Luciano de Samósata (c. 125-c. 195) e Júlio Pollux (século II d. C.). Luciano põe em cena um filósofo peripatético capaz de distinguir um homem de um asno, pois o primeiro é dotado de riso, ao contrário do segundo, que, além do mais, não constrói casas nem navega (Samósata, 1912).

Num certo momento, não propriamente a capacidade de relinchar do cavalo, mas a faculdade de zurrar do burro teve sucesso. Abelardo (1079-1142) (1994) recorre a este exemplo, que devia provocar ataques

de riso entre seus alunos. De fato, em latim, há uma espécie de trocadilho na substituição de *risibilis* (que tem a faculdade de rir) por *rudibilis* (que tem a faculdade de zurrar). Aliás, diga-se de passagem, a filosofia medieval está cheia de asnos: desde pelo menos o *Burnellus* de Abelardo (vide *O nome da rosa*, Primeiro dia, Primeira) até o asno de Buridano hesitando entre seus dois montes de capim, passando pela ponte dos asnos (*pons asinorum*) e Guilherme de Ockham, que qualifica um enunciado de “simplesmente falso e dito asinino” (*simpliciter falsum et asinine dictum*), sem esquecer os *sophismata asinina* e a tardia mula do papa de Alphonse Daudet.

Os sérios e respeitáveis “Messieurs de Port-Royal” reproduzem a classificação de Porfírio, mas sintomaticamente trocam o exemplo. Na sua *Lógica ou Arte de Pensar*, Arnault & Nicole (1965) dizem a respeito do próprio o seguinte:

Neanmoins on a quelques fois étendu plus loin ce nom de propre, et on en a fait quatre espèces.

La 1. est celle que nous venons d'expliquer, quod convenit omni soli, et semper; comme c'est le propre de tout cercle, et du seul cercle, et toujours, que les lignes tirées du centre à la circonférence soient égales. (I, VII, p.63)

Ao analisar, no periódico *Le Moyen Âge*, uma introdução ao pensamento medieval dirigida a leitores do nível mais elementar (Price, 1992), o resenhista Jacques Paul observa que, no primeiro capítulo, o autor define e faz a história de todos os termos costumeiros do cristianismo. Este “não hesita em explicar que o nome de Cristo vem de Jesus de Nazaré, recebido como messias, o que se traduz em grego por Cristo, que significa ungido. De acordo com este modelo, ele explica tanto o mártir como a vida de anacoreta, a criação do mundo e a salvação individual” (J. Paul in Price, 1992).

Creio que a observação final do resenhista tem algo a ver com a explicação aqui apresentada:

Estremece-se à idéia de que seja hoje preciso explicar até as noções elementares do cristianismo. Evitar-se-á, é claro, crer que o que é feito nesta obra é inútil. É com este tema, pedagógico, pode-se dizer, que a meditação deve se ocupar (p.522).

Talvez seja bom pedir desculpa por uma conclusão tão sisuda numa comunicação sobre o riso.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Vera Cecília Machline por ter chamado minha atenção para o texto de Aristóteles em “As partes dos animais”, bem como por ter posto ao meu alcance um bom número de textos referentes ao riso em Rabelais e na Idade Média.

NASCIMENTO, C. A. R. do. To laugh is proper to the man. *Trans/Form/Ação* (São Paulo), v. 21–22, p.27–32, 1998–1999.

- **ABSTRACT:** *This brief paper attempts to investigate the origins of the well-known example “laughter is the proper of man”. It is concluded that the diffusion of this example, if not its origins, stems from Porphyry’s Isagoge.*
- **KEYWORDS:** *Laughter; the proper; predicables; logic; Porphyry.*

Referências bibliográficas

- ADOLF, H. On medieval laughter. *Speculum*, v.22, p.251-3, 1947.
- ABELARDO, P. *Lógica para principiantes*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *Lógica Nostrorum petitioni sociorum*. In: *Peter Abaelards philosophische Schriften*. 2.ed. (v.2, *Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters*), v.21, fasc. 4, 1973.
- ARISTÓTELES. Parts of animals. In: *Aristotle in twenty-three volumes*. Cambridge: Loeb Classical Library, 1983. v.12.
- _____. Tópicos. In: *Organon*. Lisboa: Guimarães, 1987. v.5.
- ARNAUD, A., NICOLE, P. *La logique ou art de penser*. Paris: PUF, 1965.
- ECO, U. *O nome da rosa*. 3.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1983.
- FERRATER MORA, J. *Diccionario de filosofia*. Madrid: Alianza, 1981. v.1-4.
- FLAUBERT. *Dicionário das idéias feitas*. Lisboa: Estampa, 1974.
- KREZMANN, N., A. KENNY, A., PINBORG, J. *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- LALANDE, A. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. 6.ed. Paris: PUF, 1951.

- MACHLINE, V. C. O riso na medicina quinhentista: alguns apontamentos. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA – SBHC, 10 anos, 4. *Anais...* São Paulo: FAPEMIG, Annablume, Nova Stella, 1993. p.187-93.
- PRICE, B. B. *Medieval Thought: an introduction*. Resenhado por PAUL, J. *Le moyen âge*, v.101, p.521-2, 1992.
- PORFÍRIO. *Isagoge*. São Paulo: Maltese, 1965.
- _____. *Isagoge: introdução às Categorias de Aristóteles*. Lisboa: Guimarães, 1994.
- QUESNEL, C. *Mourir de rire d'après et avec Rabelais*. Montréal: Vrin, 1991. (Cahiers d'Études Médiévales, 10).
- QUINTILIANO, M. F. *Institution oratoire*. Paris: Garnier, 1954. v.1-4.
- RABELAIS, F. *Gargantua*. Trad. de A. Lobo. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. *Oeuvres*. Paris: Flammarion, s.d.
- SAMÓSATA, L. de. O leilão das seitas. In: *Oeuvres complètes*. Paris: Hachette, 1912. v.1.
- SILVA, J. C. S. P. da. Dialética e retórica em Pedro Abelardo. *Trans/Form/Ação*, (São Paulo), v.9, p.87-95, 1996.